

REPRODUÇÃO DO PAPAGAIO CHARÃO, *Amazona pretrei* (AVES: PSITTACIDAE) EM CATIVEIRO

***Amazona pretrei* (AVES: PSITTACIDAE) REPRODUCTION IN CAPTIVITY**

Dionisio Link¹

RESUMO

O papagaio charão, *Amazona pretrei* (Temminck, 1830) pode ser reproduzido em cativeiro. O viveiro deve ser amplo para que o comportamento de acasalamento e reprodução seja o mais semelhante ao ambiente natural. Os casais devem ficar isolados de outros exemplares da mesma espécie e de outras aves. A alimentação deve ser colocada a uma certa altura do solo. O ninho deve ter dimensões que permitam à fêmea boas condições de oviposição e choco e, aos filhotes, proteção durante o período que ficam no ninho. A fase imatura é de aproximadamente dois anos.

Palavras-chave: comportamento reprodutivo, avifauna, psitacídeos.

ABSTRACT

The red-spectacled parrot, *Amazona pretrei* (Temminck, 1830) can reproduce in captivity. The bird cage must be large enough so that the coupling and reproduction behavior can be as much as possible similar to the natural environment. The couples should be kept away from other birds of the same or different species. The food must be placed at about one meter from the ground level. The nest must have dimensions that allow the female to lay the eggs and the incubation as well as protection for the nestlings while they are in the nest. The immature phase lasts approximately two years.

Key words: reproductivity behavior, birds, Psittacidae.

INTRODUÇÃO

A avifauna brasileira é de grande diversidade e, desde os primórdios da colonização portuguesa, há registros sobre a riqueza da variedade de formas e beleza destas aves (SICK, 1988).

Entre as espécies, que se destacam pela beleza de cores e formas, facilidade de

1 Engenheiro Agrônomo, Dr., Prof. Titular do Departamento de Defesa Fitossanitária. CCR/UFMS. 97.105-900. Santa Maria. RS.

domesticação imitação da fala humana, encontram-se os papagaios (SICK, 1988).

As mudanças ocorridas na vegetação brasileira, destruíram a quase totalidade do habitat natural de vários destes psitacídeos, aliada à captura de filhotes para um comércio ilegal de aves e à caça indiscriminada, reduziram drasticamente a população de muitas espécies, estando as mesmas listadas, como ameaçadas de extinção, pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), na Portaria nº 1522, de 19 de dezembro de 1989, publicada no Diário Oficial da União, de 22 de dezembro de 1989 (BERNARDES *et al.*, 1990).

Entre as espécies de psitacídeos, ameaçadas de extinção, são encontrados os papagaios correntes no sul do Brasil, *Amazona pretrei* (Temminck, 1830), conhecido vulgarmente por chorão, papagaio-da-serra, serrano e com distribuição de São Paulo até o Rio Grande do Sul e, *Amazona vinaceae* (Kuhl, 1820) conhecido por papagaio-de-peitoroxo, papagaio-caboclo, papagaio-curraleiro e jurueba, de ocorrência desde a Bahia até o Rio Grande do Sul. (BELTON, 1978; SICK, 1988; BERNARDES *et al.*, 1990).

A devastação das florestas da Mata Atlântica e de Pinheirais, trouxe como consequência a redução drástica, da população destas espécies que aliada à ação maléfica do homem diminuiu em alto grau seu número, tomando-as passíveis de extermínio. RAMBO (1956) referiu a bandos enormes atacando milharais em várias regiões do Rio Grande do Sul, nas décadas de 1940 e 1950, sendo que atualmente são referidos bandos em poucos locais deste Estado, como, Esmeralda, Carazinho e Caçapava do Sul.

A possibilidade de extinção do charão motivou a relatar os resultados de um criador particular que obteve sucesso na reprodução deste papagaio em cativeiro, para que outras pessoas possam fazer o mesmo e aumentar a sua população, e dentro de algum tempo, possa ser retirado da lista das espécies ameaçadas.

MATERIAL E MÉTODOS

Foi utilizado um viveiro com 4 m de comprimento x 4m de largura x 2m de altura, piso inferior de terra e cercado pela frente, fundos, laterais e piso superior com tela de arame, malha de em x 3cm.

Cerca de 40% do viveiro ficava embaixo da copa de uma laranjeira. Os lados leste, sul e oeste ficavam protegidos de ventos por construções de alvenaria distantes 2 a 3 metros do viveiro.

A alimentação consistiu de frutas diversas, como, goiaba, pêssego, butiá e araçá, sementes de girassol e, na época de filhotes, acrescida de milho verde em espiga. Pelo menos uma vez a cada quinze dias, adicionou-se pão d'água à ração alimentar deste psitacídeo. Os alimentos e a água foram fornecidos sobre um estrado a aproximadamente 1m de altura do solo; renovados a cada dois dias (água e frutas) ou semanalmente

(sementes).

Os ninhos foram feitos de madeira com 30cm de profundidade, 25cm de frente e 60cm de altura, com uma abertura retangular de 10cm x 15cm, à 40cm da base do ninho, contendo 17 em de serragem (maravalha ou aparas de madeira) no seu interior e colocado numa lateral do viveiro, protegida pela casa, numa altura de 90cm do solo (base do ninho).

Um casal de filhotes de charão, adquirido de lenhadores da região, em janeiro de 1987, deu início à criação.

Colheu-se ainda, junto a pessoas idosas, em diversos locais do Estado do Rio Grande do Sul, informações sobre os hábitos deste psitacídeo, a partir dos relatos de métodos de caça e captura utilizados pelos mesmos, em suas propriedades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em fins de setembro de 1988 ocorreu a primeira postura, com três ovos, de onde nasceram dois filhotes que abandonaram o ninho cerca de 90 dias após o início do choco, realizado pelo casal, segundo as informações do proprietário do viveiro. Neste mesmo período (1988/89) houve outra ninhada de três ovos que originaram dois filhotes.

Em 1989/90 ocorreu apenas uma postura com quatro ovos, resultando em quatro filhotes. A partir de 1990, as brigas entre as aves tomaram-se constantes, ocorrendo a morte de um deles (sexo não determinado, mas provavelmente macho).

No período 1990/91, dois casais ovipositaram em ninhos colocados em cantos opostos do viveiro; cada um colocou quatro ovos, não ocorrendo nascimento de filhotes. No início de 1991, um papagaio muito machucado devido às brigas frequentes, foi solto e periodicamente aparecia ao redor do viveiro.

O sucesso obtido por este criador, na reprodução do charão, provavelmente deveu-se ao tamanho do viveiro e isolamento do casal, pois quando os filhotes tornaram-se adultos (aos dois anos de idade) as brigas foram frequentes com morte de um deles e insucesso na obtenção de filhotes.

A alimentação dos filhotes foi realizada pelo casal que regurgitava diretamente na boca dos mesmos.

Carvalho, *apud* NOGUEIRA NETO (1973) criou várias espécies de papagaios, em gaiolas de 2m x 2m x 1,80m (altura) indicando serem estas dimensões mínimas para o sucesso da criação. Utilizou sementes de girassol e de alpiste, couve, frutas da estação e milho verde, bastante similar ao utilizado nesta criação. Referiu, ainda, que se deve abrigar cada casal em viveiros separados para prevenir brigas, situação confirmada no presente relato.

A colocação dos alimentos num estrado a 1m do solo, foi condicionada que quando a comida cai ao solo não é mais procurada pelo papagaio. FABICHAK (1989) citou frutas e sementes, como alimento básico para papagaios em geral e que os mesmos não se alimentam no chão; NOGUEIRA NETO (1973) referiu que a água e comida dada a psitacídeos em cativeiro não devem estar próximos do solo, concordando com as observações feitas neste trabalho.

NOGUEIRA NETO (1973) descreveu alguns dados da reprodução em cativeiro do papagaio-cara-roxa, *Amazona brasiliensis*, em viveiros de 1m x 6,50m x 2m (altura), dimensões estas um pouco diferentes das descritas, mas parcialmente similares, indicando que deve haver espaços para a movimentação das aves durante o acasalamento, oviposição e alimentação dos filhotes.

A colocação de serragem (maravalha) no fundo do ninho favorece o choco e facilita a secagem das fezes líquidas dos filhotes, de acordo com NOGUEIRA NETO (1973) e SICK (1988).

O número de ovos, 3 a 4 por ninhada, foi similar ao referido por SICK (1988) e que os rotes abandonam o ninho cerca de dois meses após o choco, os dados obtidos neste trabalho foram concordantes.

Das informações colhidas junto a caçadores idosos, constatou-se que no período fevereiro-agosto formavam-se grandes bandos que faziam muita algazarra e deslocavam-se para as lavouras de milho, onde produziam estragos consideráveis, motivando caçadas realizadas pelos mesmos e que a partir de 1960, foram escasseando até o desaparecimento completo, em algumas regiões do estado.

Durante o período reprodutivo, os bandos barulhentos, com dezenas, centenas e as vezes, milhares de indivíduos, devem ser formados por imaturos, concordando com as afirmações de SICK (1988), visto que a primeira ninhada só ocorreu quando os exemplares estavam no segundo ano de vida.

No final de agosto, os casais procuram nas redondezas, locais adequados para nidificação, geralmente ocos de árvores, próximos de locais abertos ou em clareiras, com altura variando entre 1,50m e 2,50m. Raramente, fazem seus ninhos em buracos nos barrancos ou rochedos, em locais onde não mais existem matas nativas.

Os casais em reprodução, reúnem-se em pequenos bandos (6 - 10 casais) e são pouco ou nada barulhentos, diferindo dos grandes bandos que produzem algazarra durante quase todo o dia. Estas informações concordam com as citações de SICK (1988), ou seja, de que durante a produção os casais mantêm certa segregação e quase não fazem algazarra.

As árvores preferidas para nidificação são as figueiras-do-mato (*Ficus* spp.), açoita-cavalo (*Luehea divaricata*) e marmeleiro (*Ruprechtia laxiflora*), cujos troncos normalmente apresentam partes mortas e com buracos feitos por pica-paus.

Durante o choco e alimentação dos filhotes, os adultos deslocam-se do ninho até os locais de obtenção de alimentos, em horários mais ou menos regulares e pré-determinados; quando próximos aos ninhos voam em linha reta, durante 20-40 metros, mais ou menos na altura da boca do ninho. Este fator favorece aos caçadores de filhotes encontrarem os ninhos e saberem quando retirar os mesmos.

As informações obtidas junto a caçadores sobre que os casais em reprodução formavam pequenos bandos (6 a 10 casais) e pouco barulhentos concordaram com as citações de SICK (1988) de que durante a reprodução os casais mantem certa segregação e quase não fazem algazaras.

CONCLUSÃO

Os dados obtidos permitem concluir que o charão é passível de reprodução em cativeiro, desde que respeitadas determinados hábitos biológicos desta espécie, como isolamento e tamanho do viveiro.

O viveiro deve ser bastante amplo para que o comportamento de acasalamento e reprodução seja o mais próximo daquele ocorrente na natureza.

Os casais devem ficar isolados dos demais exemplares da mesma espécie e mesmo de outras aves.

A alimentação deve ser colocada à uma certa altura do solo.

O ninho deve ter dimensões tais que permitam à fêmea boas condições de oviposição e choco e aos filhotes proteção durante o período que ficam no ninho.

O período do imaturo é aproximadamente de dois anos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

BELTON, W. A List of Birds of Rio Grande do Sul, Brasil. **Iheríngia**, Série Zoologia, Porto Alegre, n. 52, p. 85 - 102, 1978.

BERNARDES, A.; MACHADO, A.B.M.; RYLANDS, A.B. **Fauna brasileira ameaçada de extinção**. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas para a Conservação da Biodiversidade Biológica, 1990. 62p.

FABICHAK, I. **Como cuidar do seu papagaio**. São Paulo; Nobel, 1989, 39p.

NOGUEIRA NETO, P. **A criação de animais indígenas vertebrados**. Peixes - Anfíbios - Repteis - Aves - Mamíferos. São Paulo: Edições Tecnapis, 1973. 327p.

RAMBO, B. **A fisionomia do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Liv. Selbach, 1956. 458p. (Série: Jesuítas no Sul do Brasil, v.6).

SICK, H. **Ornitologia Brasileira**. 3ª ed. Brasília: Ed. Univ. Brasília, 1988. v. 1, 481p.